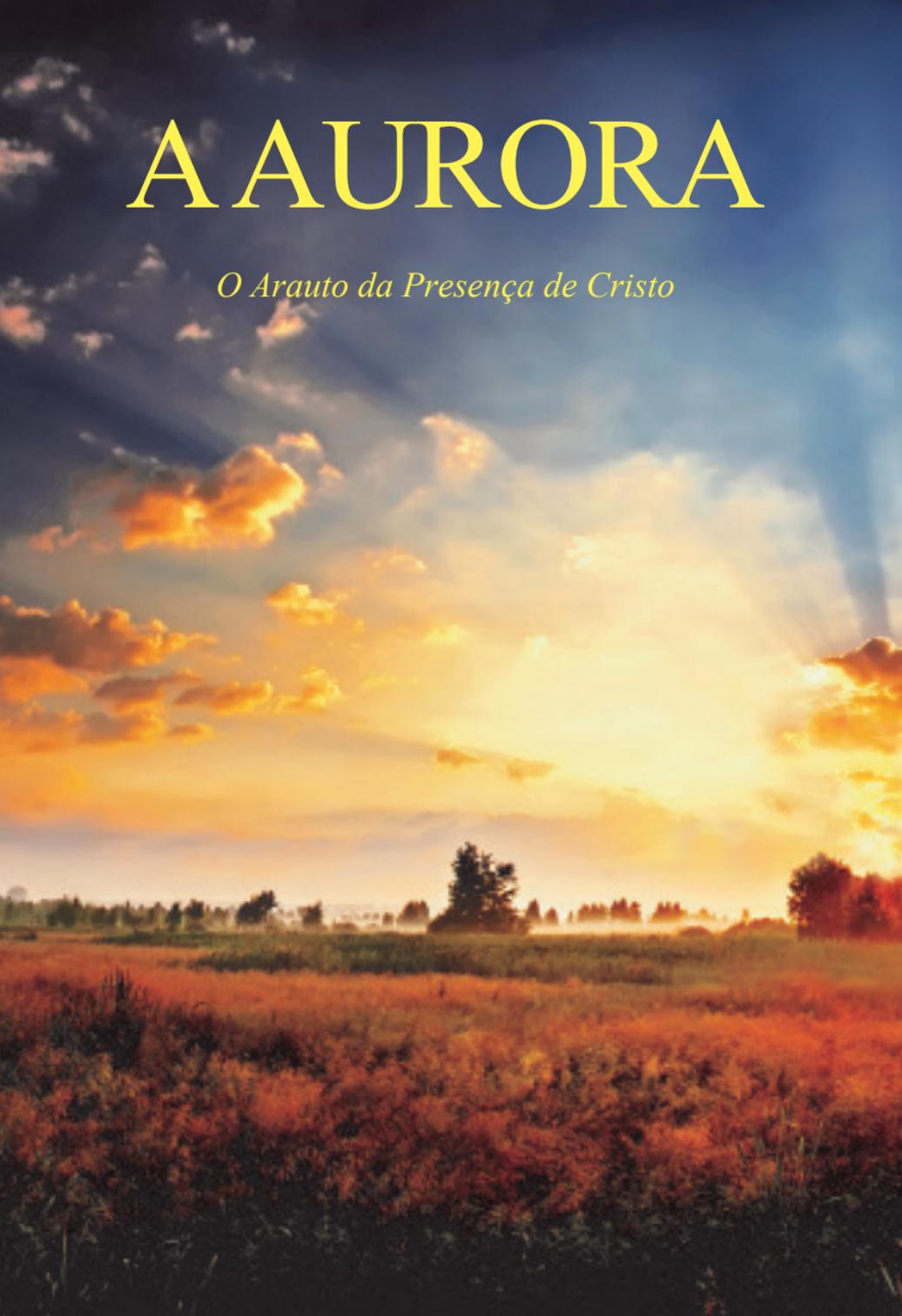


A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 11 No. 1

Janeiro - Fevereiro 2018

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês, Português, Romeno, Russo e Ucrâniano.

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANHA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinigung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires

AUSTRÁLIA: Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: A Aurora, Caixa Postal 50088, Rio de Janeiro, RJ CEP 20050-971 E-mail: estudantesdabiblianobrasil@gmail.com

CANADÁ: P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada

COLÔMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia.

ESPANHA: El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia

FRANÇA: Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye

GRÉCIA: He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA

ILHAS BRITÂNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED

ÍNDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ITÁLIA: Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

DESTAQUES DA AURORA

Arrazoemos 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

Uma fé sincera 16

Uma fé corajosa 19

Uma oração pela fé obediente 22

Uma fé forte 25

VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

A busca pelo povo de Deus – Parte 7

O estabelecimento dos irmãos em Corinto 28

The Dawn - Portuguese Edition

JAN / FEB 2018

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Arrazoemos

“Vinde, pois, arrazoemos, diz Jeová; ainda que os vossos pecados sejam como o escarlate, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã.”— Isaías 1:18, TB

UMA DAS habilidades do organismo humano que é única em comparação com outras formas de vida, seja vegetal ou animal, é a capacidade de raciocinar. A razão é definida pelo dicionário Michaelis da seguinte forma: “Faculdade do ser humano que lhe permite conhecer, julgar e agir de acordo com determinados princípios. ... Capacidade que cada ser humano tem de ponderar.” Nosso texto introdutório sugere que essa é uma qualidade implantada no homem por seu Criador, porque nos exorta a raciocinar com ele.

Pode-se legitimamente perguntar como podemos raciocinar com Deus, um ser que nenhum de nós pode ver ou ouvir fisicamente, muito menos compreender completamente. Para argumentar com o Todo-Poderoso, e fazê-lo de acordo com seus planos, propósitos e atributos característicos, torna-se necessário que conheçamos algo dele. Em certo sentido, podemos obter uma compreensão de Deus observando a grandiosa beleza dos céus e as maravilhas naturais ao nosso redor. (Salmo 19:1, 2) Ao fazê-lo, aprendemos a apreciar que

existem certas leis da natureza que regem essas maravilhosas criações. O meio ambiente natural reflete o poder e a sabedoria de um ser que está muito além do que a mente humana poderia conceber.

No entanto, é necessário mais que simplesmente conhecer o grande poder e a sabedoria de Deus para entendermos o arrazoamento dele. Precisamos também entender algo de seus planos e propósitos eternos, e como esses se relacionam com as obras criadas, bem como suas outras qualidades de caráter que se tornam evidentes como resultado desse conhecimento. Por exemplo, se vemos as belezas da criação ao nosso redor e as atribuímos a um Criador poderoso e sábio, mas ao mesmo tempo acreditamos que ele planeja destruir a Terra, somos levados a nos perguntar se tais planos são mesmo razoáveis.

Existe apenas uma fonte verdadeira e harmoniosa para aprender sobre Deus, seus planos, propósitos e caráter. É a Palavra dele, a Bíblia. Por meio de um estudo cuidadoso e diligente das Escrituras, podemos entender como Deus pensa — de modo lógico, ordeiro e ponderado. Com base nisso — uma compreensão de sua Palavra — então podemos ter um base adequada para “arrazoarmos” com ele.

NENHUM JUSTO

A atual condição do homem é harmoniosamente descrita tanto no Antigo como no Novo Testamento. “Não há quem faça o bem, não há sequer um.” “Não há um justo, nem um sequer.” (Salmo 14:1-3; 53:1-3; Rom. 3:10-12) Conforme claramente expresso, atualmente a inclinação do pensamento humano não reflete nem um

pouco o ponto de vista bíblico. Muitos teorizam que a conduta humana é correta ou errada apenas quando comparada a padrões anteriormente estabelecidos. Para piorar ainda mais o afastamento da Palavra de Deus, as pessoas ainda afirmam que um ser humano tem o mesmo direito de estabelecer um padrão como qualquer outro ser humano, e que ninguém precisa ser “atormentado pela consciência” simplesmente por não estar em conformidade com um padrão previamente aceito de comportamento. Isso é uma forma de anarquia moral, um estado de sociedade em que cada indivíduo faz o que bem quiser. Em outras palavras, esse ponto de vista sugere que não existe pecado de acordo com o significado bíblico desse termo.

Esse ponto de vista, além de não se harmonizar com as Escrituras, não possui argumentos sólidos. Por exemplo, um homem que exagera muito nas bebidas alcoólicas e acorda na manhã seguinte com uma dor de cabeça insuportável, pode achar que não cometeu um “pecado”, de acordo com seu próprio conceito. A reação de seu corpo, no entanto, não concorda com isso. Por assim dizer, o corpo como que “grita” dizendo que ele violou uma lei que mantém o organismo funcionando de forma ordenada e saudável. O homem moderno pode chamar isso de lei da natureza, mas ele não deve se esquecer que alguém criou essa lei. Sabendo ou não quem foi, ele percebe que sua cabeça e estômago protestam com dor quando ela é violada.

Alguns podem tentar se convencer de que o comportamento humano é apenas relativo, e que não há pecado real. No entanto, muito poucos se arriscaram a dizer que a tortura de seres humanos em prisões ou

campos de concentração não é algo errado. Raramente alguém acreditaria que matar milhões de homens, mulheres e crianças inocentes, como é feito nas guerras modernas, é uma virtude moral. É fácil citarmos exemplos semelhantes de conduta desumana que a vasta maioria das pessoas reconheceria imediatamente como sendo erradas.

Não devemos pensar, no entanto, que apenas atos extremos, como tortura e assassinato, são pecado. Num sentido abrangente, toda conduta que contribui para a infelicidade das vítimas inocentes é errada. Um dos mandamentos de Deus declara: “Não cobiçarás.” (Êxodo 20:17) Quando alguém cobiça o que pertence a outro ao ponto em que se esforçará por meios desonestos para tirá-lo dele, isso é errado. É errado aos olhos de todas as pessoas decentes e razoáveis, e é errado porque é uma violação da lei de Deus. É pecado!

O RECONHECIMENTO LIMITADO DO PECADO DO HOMEM

A razão pela qual essas violações mais flagrantes das leis de decência são reconhecidas como erradas, mesmo de acordo com padrões humanos imperfeitos — como também Deus as considera pecado — é que o homem foi criado à imagem de Deus. (Gênesis 1:26, 27) Na medida em que o homem retém parte dessa imagem, ele raciocina do mesmo modo. Menos autojustificação e mais reverência pela autoridade divina certamente ajudarão a humanidade a entender que a violação de outras leis mencionadas na Bíblia também é errado.

O apóstolo Paulo escreveu que a morte foi transmitida a todos, porque “todos pecaram”. (Rom. 5:12) Adão foi o primeiro a afundar no pecado. O pecado original do homem foi ele ter violado uma lei simples dada pelo Criador. O relato não fornece todos os detalhes envolvidos nesse pecado, mas sabemos que Adão violou deliberadamente uma lei criada por Deus, e que ele colheu a pena pelo pecado, que é a morte. — Gên. 2:16, 7; 3:17-19; 5:5

Ao traçarmos a história da humanidade desde Adão, o erro da raça humana torna-se cada vez mais aparente. O egoísmo é a única palavra que parece resumir melhor as intenções que levaram a pecados de todos os tipos. Costumamos ouvir que vivemos em um “mundo cão”. De fato, essa postura tem sido a base praticamente de todo o comportamento humano desde que o mundo começou. Esse motivo maligno tem se manifestado em todas as formas de injustiça, corrupção, assassinatos e guerras.

Tudo isso deve ser claramente reconhecido como pecado, e, assim, confirmar a verdade das Escrituras ao declarar que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”. (Rom. 3:23) Nem todos planejam pecar intencionalmente, mas ninguém pode escapar completamente desse redemoinho de egoísmo que move o mundo moribundo de uma forma de transgressão a outra. É por isso que o apóstolo explica que todos se tornaram pecadores porque Adão pecou. Nós fomos ‘formados na iniquidade e no pecado fomos concebidos’, declara o profeta. — Sal. 51:5

A PUNIÇÃO PELO PECADO

Outro princípio reconhecido de direito é que aqueles que violam as leis estabelecidas devem ser punidos. Isso também é uma evidência da imagem de Deus direcionando o processo do raciocínio humano. Esse princípio é de origem divina, e Deus pode arrazoar conosco baseando-se nele. O Criador foi o primeiro a declarar que há uma penalidade por causa do pecado. Isso se manifesta nas leis da natureza, pois, quando essas leis são violadas, os resultados são sempre calamitosos.

Adão e Eva poderiam ter morrido simplesmente por terem violado uma lei de Deus, mesmo que não tivessem sido informados antecipadamente. No entanto, por ser um Deus justo, ele lhes disse para não comerem de uma certa árvore no meio do jardim e os advertiu de que, se o fizessem, morreriam. Esse fato fez com que percebessem, e também deveria nos ensinar, que as leis de Deus não podem ser desprezadas com impunidade, mas que há uma penalidade pelo pecado, cujo fim derradeiro é a morte.

O homem tornou-se pecador desde os dias do Éden, e cada geração sucessiva tem recebido a pena pelo pecado assim que começam sua breve vida imperfeita. Do berço ao túmulo, cada membro da raça humana caída tem vivido e caminhado “pelo vale da sombra da morte”, sabendo que não haveria adiamento ou escapatória de seu destino certo. — Sal. 23:4

A realidade sombria de um mundo moribundo já é bastante trágica por si mesma. No entanto, para atormentar as pessoas ainda mais, inventou-se um conceito terrível de um abismo de tortura literal, para onde, supostamente, bilhões iriam depois que

morressem. Como somos gratos a Deus por sabermos que essa ideia humana não é verdadeira! A Bíblia nos conta toda a verdade sobre esse assunto ao declarar simplesmente que o “salário do pecado é a morte”. — Rom. 6:23

Em vez de sugerir “salários” mais severos que a morte como castigo pelo pecado, somos assegurados de que uma saída, mesmo dessa penalidade, foi providenciada. No mesmo versículo, depois de declarar que a morte é o “salário do pecado”, o apóstolo declara que “o dom de Deus é a vida eterna através de Jesus Cristo nosso Senhor”. As Escrituras também declaram que “todos serão vivificados em Cristo”. (1 Cor. 15:22) Se nos perguntamos como pode ser assim, a Bíblia nos diz que “Cristo morreu por nossos pecados”. — 1 Cor. 15:3

UM ARRAZOAMENTO ADICIONAL

É bom que, nesse ponto, aceitemos o convite de Deus para “arrazoarmos” com ele, conforme declarado em nosso texto introdutório. Já reconhecemos que a punição dos malfeitores é justa. Concluímos também que o Criador tem o direito de exigir obediência às suas leis e de punir os desobedientes. No entanto, a penalidade divina pelo pecado é a morte. Quando um homem paga essa penalidade ao ir para o túmulo, ele não pode fazer nada mais. Após a condenação de certos crimes, um homem pode pagar uma fiança e depois ser livre. No entanto, quando a fiança a ser paga é a morte, não pode haver liberdade, pois a morte leva tudo o que o homem tem, mesmo a própria vida.

É aqui que o amor de Deus entra em ação no seu plano, garantindo que seu propósito original na criação do homem não seja em vão. O destino final que ele planejou para suas criaturas humanas não pode ser frustrado ou anulado, nem mesmo pelo próprio pecado do homem. Mais uma vez, Deus nos convida para arrazoarmos com ele. Foi justo e correto Deus impor a pena de morte à humanidade desobediente. A justiça de Deus nesse assunto, no entanto, aumenta nosso apreço por sua misericórdia quando nos damos conta que foi ele quem “amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. — João 3:16

A LEI DO SACRIFÍCIO

Em linguagem simples, a Bíblia diz que Deus enviou Jesus para redimir a humanidade, morrendo por ela. (João 1:29; Gál. 1:4; Heb. 2:17) Pelos padrões atuais, o conceito de alguém ter de morrer por outro é repulsivo e que tal ideia se origina em superstições antigas relacionadas com exigências de deuses pagãos, ou, segundo ofensivamente afirmam, do “deus tribal” do antigo Israel. Não se deixe enganar por esse falso raciocínio. Tal pensamento ignora e, talvez, gostaria que nos esquecêssemos, de que a forma mais elevada de nobreza e bravura conhecida e honrada pelos homens é a de uma pessoa que morre para salvar outra.

Nós louvamos essa bravura sempre e onde quer que a vejamos manifestada. Os soldados que morrem pelo seu país são considerados heróis. Aqueles que, de alguma forma, sacrificam suas vidas para que os outros possam viver ou aproveitar a vida com mais abundância,

são devidamente considerados os maiores benfeitores da humanidade. Nisto, vemos outro reflexo da imagem de Deus com a qual a criação humana foi dotada. Quando avaliamos adequadamente a virtude do sacrifício, estamos simplesmente refletindo a semelhança do caráter de Deus em nossos pensamentos e pontos de vista. Naturalmente, honramos o sacrifício e rotulamos o heroísmo porque Deus é o autor desse princípio digno. Quando reconhecemos isso, o plano bíblico de redenção para o pecado por meio do sacrifício é considerado tanto belo quanto compreensível, bem como justo e amoroso.

PRIMEIRA PREFIGURAÇÃO

O primeiro registro de sacrifício é a narrativa de Gênesis sobre as ofertas que Caim e Abel fizeram ao Senhor. Sem entender o que estava envolvido, alguém talvez se pergunte por que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim. No entanto, Deus teve uma razão para isso. Quando ele condenou nossos primeiros pais à morte, ele disse que a “semente”, ou descendência, da mulher machucaria a cabeça da serpente. (Gên. 3:14, 15) À luz das revelações subseqüentes do plano de Deus para a restauração humana, essa declaração vaga mostrou ser uma promessa de que a penalidade pelo pecado seria um dia cancelada.

Deus também nos revela mais tarde em sua Palavra que não pode haver perdão do pecado sem o sacrifício da vida, simbolizado pelo derramamento de sangue. (Lev. 17:11; Heb. 9:22) Ao aceitar a oferta de carne e sangue de Abel, Deus estava apontando para um tempo em que ele forneceria o sacrifício de um “cordeiro imaculado”, e, por meio disso, o homem receberia a

permissão para retornar a sua condição original. (1 Pet. 1:18, 19) Assim, conforme afirma nosso texto introdutório, embora os pecados do homem sejam “como escarlate”, ficarão “brancos como a neve”.

ABRAÃO OFERECE ISAQUE

Os tratos de Deus com Abraão chamam de novo nossa atenção para a ideia de um sacrifício. Deus prometeu a Abraão que, por meio de sua semente, “todas as famílias da terra” seriam abençoadas. (Gên. 12:3; 22:18) Muitas das famílias da Terra já estavam mortas quando essa promessa foi feita. Bilhões têm morrido desde então. Para que todas essas pessoas sejam abençoadas, é preciso que elas voltem a viver. Visto que morreram por serem pecadores, a promessa de restauração requer que seus pecados sejam perdoados. Por causa dessa promessa, Deus providenciou um drama profético que ilustra seu propósito de prover o perdão de pecados por meio do sacrifício de seu Filho.

Esse drama foi executado de uma forma bem singular. Deus pediu a Abraão que oferecesse seu filho Isaque em sacrifício. Por ter grande fé na sabedoria desse pedido, bem como fé no poder e na disposição de Deus de até mesmo ressuscitar Isaque dos mortos, Abraão procedeu obedeceu à ordem divina. Concordando com o plano de sacrifício, ele fez Isaque se deitar sobre o altar e, quando estava prestes a matá-lo, um anjo de Deus interveio e forneceu um cordeiro como substituto. — Gên. 22:1-13; Heb. 11:17-19

A disposição de Abraão em sacrificar seu filho Isaque nos forneceu uma bela ilustração do plano de Deus: Antes que o Criador realizasse sua intenção de

restaurar a humanidade à vida, um pai amoroso ofereceria voluntariamente seu filho em sacrifício. E, de fato, o Pai Celestial, o Criador e a fonte de toda a vida, ofereceu seu Filho unigênito para que o homem fosse liberto da condenação adâmica.

A LIBERTAÇÃO DE ISRAEL

Séculos depois, os descendentes de Abraão foram mantidos em escravidão no Egito, e por meio de Moisés, Deus os libertou milagrosamente. Em conexão com isso, havia o sacrifício de um cordeiro — o cordeiro da Páscoa. Isso também apontou para uma libertação ainda maior — a libertação da escravidão ao pecado e à morte — e nos lembra novamente que essa libertação será possível por causa de um sacrifício. É o sacrifício do “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” e, como Paulo confirma: “Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.” — João 1:29; 1 Cor. 5:7

Ao longo do Antigo Testamento, muitas vezes a promessa de um vindouro Messias e Libertador é repetida. Os israelitas esperavam a vinda desse predito Rei, esse Governante que teria autoridade sobre todas as nações e derramaria sobre todas as pessoas as bênçãos da paz e da vida que Deus havia prometido. Jesus cumpriu essas promessas, mas as expectativas dos judeus não foram imediatamente realizadas. Eles não entenderam a condição segundo a qual seu tão aguardado rei prometido seria exaltado, isto é, a condição de sacrifício.

JESUS VEIO PARA OFERECER SACRIFÍCIO

Jesus veio para ser o Rei dos reis, mas primeiro ele teve que ser o “Cordeiro de Deus” que seria

oferecido em sacrifício para tirar o pecado do mundo. A única maneira de abençoar aqueles que estão mortos é restaurá-los à vida. A raça humana está morrendo por causa do pecado, visto que a morte é o salário pela iniquidade. Para que a humanidade seja restaurada, esse salário precisa ser pago por alguém que não está sob uma condenação semelhante. No plano de Deus, Jesus foi aquele que morreu, primeiro por Adão, e, por meio de Adão, por toda a raça humana — seus descendentes. Ele deu a vida para que nós, seus seguidores, e todo o mundo, vivêssemos. — 1 João 2:1, 2; 4:9, 10

Assim, no simbolismo das Escrituras, somos informados de que, embora possamos estar manchados de escarlate por causa do pecado, podemos nos tornar tão brancos como a neve por causa do sacrifício redentor de Cristo. Esse é um dos modos de Deus nos dizer que o erro de nossos primeiros pais, e o subseqüente pecado e egoísmo de seus descendentes não frustraram o propósito de Deus na criação do homem. No plano divino, o pecado que tem matado a raça humana proporcionou uma oportunidade para o amor de Deus se manifestar por meio do sacrifício. Isso torna possível que os culpados sejam libertos da condenação adâmica e da morte, por uma ressurreição dos mortos.

Como é compreensível e prático esse arranjo, quando o vemos à luz da razão! Com tal ponto de vista em mente, podemos ler o registro de Gênesis sobre a criação e a queda do homem e perceber que a raça humana não ficará impedida de ter acesso à simbólica “árvore da vida” do Éden para sempre, mas apenas por um tempo. (Gênesis 2:9) Nesse arranjo, podemos ver uma amostra do plano do Criador para uma Terra cheia

de seres humanos perfeitos, vivendo felizes e em paz para sempre.

AS LIÇÕES APRENDIDAS SÃO VALIOSAS

As experiências de sofrimento e morte pelas quais a raça humana tem passado contêm lições imensamente valiosas. Quando cada membro da família humana for despertado da morte e receber a oportunidade de obedecer à lei de Deus, será capaz de escolher de forma mais inteligente o proceder que adotará. Por causa de sua experiência passada, poderá contrastar as vantagens de se obedecer com as grandes perdas resultantes da desobediência.

Apenas o plano descrito na Bíblia para salvar a raça humana destruição total é sensato, ou arrazoado. A razão também identifica o Criador como o único que poderia levar tal plano à cabo, pois sua conclusão exige uma ressurreição dos mortos. O poder necessário para ressuscitar os mortos não é obstáculo para Deus. Ele, de fato, deu a seu Filho glorificado, Jesus Cristo, esse mesmo poder. — Mat. 28:18; João 5:25-27

Assim, quando lemos as Escrituras, percebemos que aquele que produziu o registro das maravilhosas promessas que encontramos nelas é abundantemente capaz de cumpri-las. Na verdade, ele as cumprirá no devido tempo. Podemos ter certeza, portanto, de que o destino do homem de viver em paz, saúde e segurança para sempre sobre a Terra ainda está para se tornar um fato consumado. A Palavra de Deus definitivamente nos garante isso: “Pois assim diz Jeová, o Deus que criou os céus, que formou a terra e a fez (Ele a estabeleceu, não a criou para ser um caos, mas formou-a para ser

habitada.): Eu sou Jeová, e não há outro.” — Isaías
45:18, *TB*



Uma fé sincera

Versículo-chave: QUANDO O REI de Babilônia, Nabucodonosor, conquistou Jerusalém, ordenou que fossem selecionados alguns dos “filhos de Israel”, “jovens sem defeito físico, de boa aparência, cultos, inteligentes, que dominassem os vários campos do conhecimento e fossem capacitados para servir no palácio do rei”. Esses jovens judeus deveriam aprender “a

“Daniel, contudo, decidiu não se tornar impuro com a comida e com o vinho do rei, e pediu ao chefe dos oficiais permissão para se abster deles.”
— *Daniel 1:8, NVI*

Versículos selecionados: *Daniel 1:8-21* língua e a literatura dos babilônios” e receberiam “uma porção diária de comida e de vinho da própria mesa do rei”.

Eles seriam instruídos por três anos e, depois disso, serviriam ao rei. — Dan. 1:1-5, *NVI*

Entre os jovens escolhidos estavam Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Cada um recebeu um novo nome babilônio, como uma tentativa de fazê-los esquecer suas vidas passadas como israelitas e pensar e comportar-se como babilônios. (vs. 6, 7) No entanto, para esses jovens hebreus, seus novos nomes, bem como o pedido para que comessem da comida do rei, serviram como lembrança da servidão de sua nação a Babilônia. Acredita-se que a comida do rei era primeiramente

oferecida aos deuses babilônios, e comer esses alimentos seria como um endosso, ou apoio, a tais deuses falsos.

Em nosso versículo-chave, somos informados de que Daniel decidiu que não se “tornaria impuro” com a comida e o vinho do rei. A palavra “impuro” aqui significa sujar, poluir ou manchar. Ao não comer a comida do rei, Daniel e seus companheiros certamente não violariam as leis dadas por Deus a Israel. (Levítico 11:4-20) Há uma lição a ser aprendida com isso. Os seguidores do Senhor devem evitar sujar o manto de justiça que lhes foi dado ao seguirem os passos de Jesus. (Apo. 3:4) Eles devem se manter “sem mancha do mundo”. — Tiago 1:27, *TNM*

Inicialmente, o chefe dos oficiais de Babilônia não concordou com o pedido de Daniel, porque temia por sua própria vida se ele o concedesse. No entanto, Daniel não desistiu e, com fé em Deus, respondeu: “Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, e que se nos deem legumes a comer, e água a beber. Então se examine diante de ti a nossa aparência, e a aparência dos jovens que comem a porção das iguarias do rei.” — Dan. 1:10-13

O chefe dos oficiais concordou com isso, e depois de dez dias, Daniel e seus três companheiros pareciam mais saudáveis e bem alimentados do que os jovens que se alimentavam da comida real. A comida e o vinho escolhidos foram retirados e eles foram autorizados a comer legumes em vez disso. (vs. 14-16) Que fé forte e sincera, cada um desses jovens hebreus deve ter tido, praticando a abnegação diária, para agradar a Deus, mesmo que provavelmente significasse serem

desprezados pelos outros jovens que comiam a comida do rei.

Jesus disse a seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.” (Lucas 9:23) Aqui, a palavra “negar” significa negar completamente. A graça de Deus nos ensina a renunciar “à impiedade e às paixões mundanas” e a levar uma vida justa e moderada na presente era, assim como os quatro jovens hebreus fizeram. — Tito 2:11, 12

Uma fé corajosa

Versículo-chave: “*Falou Nabucodonosor, dizendo: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois violaram a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus.*”
— **Daniel 3:28**

Versículos selecionados:
Daniel 3:19-28
negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abednego; estes homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem adoram a estátua de ouro que levantaste.” — vs. 7-12

Embora extremamente irritado, Nabucodonosor chamou os três hebreus e deu-lhes outra chance de obedecerem à ordem de se ajoelharem e adorarem à imagem de ouro. Ele os advertiu, no entanto, dizendo: “se não a adorardes, sereis lançados, na mesma hora,

O REI Nabucodonosor construiu uma imagem de ouro, e estabeleceu um decreto que, assim que a música soasse, todas as pessoas deveriam “se curvar até o chão e adorar a imagem de ouro”, e quem não quisesse seria “na mesma hora lançado dentro da fornalha de fogo ardente”. (Dan. 3:1-6) Quando a música tocou, todas as pessoas se curvaram e adoraram a imagem. No entanto, disseram a Nabucodonosor: “Há uns homens judeus, os quais constituíste sobre os

dentro da fornalha de fogo ardente. E quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?” — vs. 13-15

Os três hebreus decidiram firmemente seguir os mandamentos que Deus deu a Israel: “Não terás outros deuses diante de mim. ... Não farás para ti imagem de escultura. ... Não te encurvarás a elas.” (Êxo. 20:3-5) Eles responderam ao rei: “Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.” — Dan. 3:16-18

Os três jovens hebreus tinham uma fé confiante em Deus, independentemente de qual fosse o resultado. Se Deus quisesse, poderia livrá-los da fornalha. No entanto, se a providência de Deus considerasse oportuno não livrá-los dessa experiência, eles ainda permaneceriam fiéis, mesmo que isso significasse a morte certa.

Nabucodonosor ficou furioso quando ouviu a resposta deles. Ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o habitual e que seus soldados mais fortes amarrassem os três hebreus desafiadores e os lançassem nela. (vs. 19-23) Quando os três jovens foram jogados na fornalha, eles logo pareciam estar desamarrados e caminhando ilesos. Podia-se ver também uma quarta pessoa na fornalha com eles, um anjo do Senhor. Nabucodonosor então os chamou para saírem da fornalha, e viu que o fogo não lhes havia causado dano algum. (vs. 24-27) Certamente, aquele foi um milagre incrível!

Que nós também desenvolvamos uma fé corajosa, de modo que, quando enfrentarmos uma escolha ou experiência difícil, escolheremos obedecer a Deus e seus princípios das Escrituras. Devemos querer fazer isso, mesmo que signifique sermos ridiculizados ou impopulares, ou tenha consequências desagradáveis. Como o apóstolo Pedro nos diz: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis.” — 1 Ped. 4:12-13

Uma oração pela fé obediente

Versículo-chave: “Ó Senhor [Jeová], ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome.”

— **Daniel 9:19**

Versículos selecionados:
Daniel 9:4-8, 15-19

DANIEL CONHECIA a profecia de Jeremias de que a desolação de Jerusalém duraria setenta anos. (Dan. 9:1, 2; Jer. 25:4-14; 29:10) No entanto, ele estava preocupado com o fato de que os pecados dos israelitas, mesmo durante o seu cativeiro, os tornariam indignos de serem libertados no final dos setenta anos, então ele orou com fervor a Deus. (Dan. 9:3-15) Em sua oração, Daniel faz o seguinte apelo a Deus: “Aparte-se a tua ira e o teu furor da tua cidade de Jerusalém, do teu santo monte... não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias... atende-nos e age sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome.” — vs. 16-19

Uma lição importante que podemos aprender do exemplo de Daniel é a necessidade de fazermos uma análise profunda de nós mesmos. Ao orarmos a Deus,

devemos reconhecer quando desobedecemos a seus princípios, quer em nossos pensamentos, palavras ou ações, e então buscarmos o perdão. O apóstolo João escreveu: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.” (1 João 1:8, 9) Podemos orar ao nosso Pai celestial e pedir perdão pelos nossos pecados por causa do “sacrifício expiatório” de seu filho, Cristo Jesus. — 1 João 2:1,2

Uma fé obediente também requer que abandonemos o pecado, isto é, nos arrependamos. O arrependimento exige uma mudança de pensamento e uma correção, especialmente do coração. O arrependimento é mencionado várias vezes nas sete mensagens dadas à igreja no livro de Apocalipse. — Apo. 2:5, 16, 21, 22; 3:3, 19

Na carta de Paulo aos irmãos em Roma, ele explica com detalhes a necessidade de mudar e desenvolver uma fé obediente. “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus... como instrumentos de justiça... Pois quê? Pecaremos porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo nenhum. Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? ... E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.” — Rom. 6:13-18

Se tivermos uma fé obediente, analisaremos diariamente nossos pensamentos e ações para ver se eles estão de acordo ou não com os princípios de Deus. Quando achamos que pecamos por não seguirmos completamente seus preceitos, devemos buscar o perdão do Pai Celestial em oração. Então devemos nos esforçar para aplicarmos com mais cuidado a palavra de Deus em nossa vida diária.

Citando palavras adicionais de Paulo, lemos: “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito... De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.” (Rom. 8:5-13) Que nossas orações não sejam para coisas egoístas, mas sim para que possamos desenvolver uma fé mais obediente.

Uma fé forte

Versículo-chave: “*E aquele, que tinha aparência de um homem, tocou-me outra vez, e fortaleceu-me. E disse: Não temas, homem muito amado, paz seja contigo; anima-te, sim, anima-te. E, falando ele comigo, fiquei fortalecido, e disse: Fala, meu senhor, porque me fortaleceste.*”
— *Daniel 10:18, 19*

Versículos selecionados:
Daniel 10:10-21

multidão. — vs. 4-6

Os homens que estavam com Daniel não viram essa visão, mas sentiram o chão tremendo debaixo deles e fugiram para se esconder, deixando Daniel sozinho. Estarrecido com a visão, Daniel escreveu: “Não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma... caí sem sentidos, rosto em terra.” — vs. 7-9, *ARA*

EM DANIEL CAPÍTULO 10, o profeta registra uma visão que recebeu de Deus e o perturbou muito. Como resultado, durante três semanas ele ficou de luto, comendo e bebendo muito pouco. (vs. 1-3) No vigésimo quarto dia, Daniel viu o que parecia ser um “homem vestido de linho”, com um cinto de ouro. O corpo do homem era como o berilo, ou turquesa, seu rosto era como um relâmpago, seus olhos como tochas de fogo, seus braços e pernas como bronze polido, e sua voz como o som de uma

O homem na visão então falou: “Daniel, você é muito amado. Preste bem atenção ao que vou lhe falar; levante-se, pois eu fui enviado a você”. Quando ele me disse isso, pus-me de pé, tremendo. E ele prosseguiu: “Não tenha medo, Daniel. Desde o primeiro dia em que você decidiu buscar entendimento e humilhar-se diante do seu Deus, suas palavras foram ouvidas, e eu vim em resposta a elas. ... Agora vim explicar-lhe o que acontecerá ao seu povo no futuro, pois a visão se refere a uma época futura.” (vs. 11-14, *NIV*)

O anjo deu força a Daniel, tocando-o. Deus também “nos toca”, dando-nos força por meio de sua Palavra Sagrada. O salmista escreveu: “O Senhor dará força ao seu povo; O SENHOR abençoará seu povo com paz.” Deus é nosso refúgio e força, uma ajuda muito presente em problemas. Portanto, não teremos medo.” (Salmo 29:11; 46:1, 2) Muitas outras Escrituras também são dadas para aumentar nossa força espiritual. — Salmo 18:1, 2, 30; 119:114; Mat. 4:4

Por fixar nossos pensamentos em Deus, por ler e estudar sua Palavra e depositar nossa confiança inteiramente sobre ele, nossa fé será fortalecida e ganharemos a paz. O profeta Isaías disse: “Tu guardarás em perfeita paz aquele cujo propósito está firme, porque em ti confia. Confie para sempre no Senhor, pois o Senhor... é a Rocha eterna.” — Isa. 26:3, 4

Quando Paulo experimentou fraqueza por causa de um “espinho na carne”, Deus disse a ele: “Minha graça é suficiente para ti; porque a minha força é perfeita na fraqueza.” (2 Cor. 12:7-9) Para nós também, Deus nos fortalece em nossas fraquezas. Por meio disso, podemos perceber que qualquer progresso que

produzamos no desenvolvimento dos frutos e das graças do Espírito só é possível pela graça de Deus e pela força que ele nos dá. (Efé. 2:1-10) Na verdade, somente pela graça e pela força que ele fornece é que podemos desenvolver uma fé forte, “até a morte”. — Apo. 2:1

O estabelecimento dos irmãos em Corinto

A BUSCA PELO POVO DE DEUS — PARTE 7

“E disse o Senhor em visão a Paulo: Não temas, mas fala, e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade.” — Atos 18:9, 10

PAULO FOI forçado a sair apressadamente da Macedônia por causa da perseguição. Depois de partir, enviou uma mensagem aos seus dois companheiros de viagem, Silas e Timóteo, para que se juntassem a ele em Atenas, onde retomariam sua viagem juntos. Por causa das circunstâncias, ambos os irmãos estavam bem atrasados, e, quando Paulo não podia mais esperar, seguiu sozinho para Corinto. Pouco depois de chegar a essa cidade, ele começou a trabalhar na produção de tendas para garantir seu sustento por um tempo. Isso o levou a se familiarizar com outros fabricantes de tenda, Áquila e Priscila. Esse casal de judeus havia chegado a pouco tempo em Corinto, como resultado do decreto, promulgado pelo Imperador Cláudio, de que todos os judeus fossem expulsos de Roma. — Atos 18:1-3

Sem dúvida, essas circunstâncias foram dirigidas por Deus, que desejava que esses dois irmãos dedicados, por meio da associação com o apóstolo Paulo,

conhecessem melhor o plano de Deus e entendessem seu chamado. Paulo foi convidado para morar na casa deles, onde ficou por quase dois anos. (vs. 11, 18) Lá, eles trabalharam juntos no ofício que tinham em comum e apreciaram a maravilhosa comunhão do Evangelho. É provável que Áquila e Priscila fossem os primeiros irmãos em Corinto a aprender sobre o plano de Deus e a serem batizados no corpo de Cristo.

Eles também foram de grande ajuda para Paulo em seu ministério. As Escrituras falam sobre a devoção e zelo deles pela verdade. Em sua carta aos romanos, Paulo escreveu: “Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Acaia em Cristo.” (Rom. 16:3-5) Essa saudação é uma homenagem apropriada ao caráter deles e uma evidência de que estavam prontos para entregar suas vidas para Paulo, seu irmão em Cristo. “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13) Esses primeiros cristãos foram severamente testados e deixaram um legado de seu amor fraternal em ação.

IRMÃOS FIÉIS

Esses amigos fiéis também foram citados por Paulo em sua última carta a Timóteo: “Saúda a Priscila e a Áquila.” (2 Tim. 4:19) Mais tarde, quando Paulo foi a Éfeso, ele ficou novamente com Áquila e Priscila, que, pelo visto, mudaram-se para a cidade de Corinto. Da

casa deles, escreveu aos irmãos em Corinto dizendo: “As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Priscila, com a igreja que está em sua casa.” (1 Cor. 16:19) A partir dessa menção, observamos que a casa de Áquila e Priscila era um dos lugares onde os irmãos realizavam reuniões. Eles serviram de diversos modos e com boa vontade. De fato, eram verdadeiros irmãos em Cristo.

Nunca é demais enfatizar a importância de tais irmãos. O trabalho feito por Deus durante esta Era do Evangelho não depende apenas dos ombros de indivíduos mais proeminentes. Essa lição é ressaltada no *Maná Celestial Diário* para 8 de março, que traz à nossa atenção o texto, “Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis.” — 1 Cor. 12:18

Os comentários sobre este texto dizem: “Nenhum membro do corpo de Cristo pode dizer que não precisa de outro membro, e nenhum membro pode dizer que não há nada que ele possa fazer para servir ao corpo. Sob a orientação de nossa gloriosa Cabeça, cada membro que está cheio de Seu Espírito e desejoso de servi-Lo, pode fazê-lo. Quando chegar o tempo para as recompensas, quem é que pode dizer se parte da utilidade de Paulo e Apolo foi graças ao trabalho de alguns dos irmãos humildes, como Áquila e Priscila? Pois, de várias maneiras eles ministraram, encorajaram e apoiaram seus irmãos mais fortes no trabalho do Senhor.” — *Reimpressões*, página 3152

PAULO VAI À SINAGOGA

Falando novamente sobre a chegada de Paulo em Corinto, lemos em Atos 18:4 a respeito do seu

ministério inicial na sinagoga. Seu raciocínio sobre as Escrituras aparentemente era vigoroso, mas não controverso, e ele conseguiu persuadir os judeus e gentios que ouviram sua mensagem. Pelo visto, Paulo teve muito cuidado na apresentação do Evangelho de Cristo no início de sua obra em Corinto. As lembranças das experiências durante sua primeira viagem, quando os judeus radicais incitaram tumultos contra ele e o apedrejaram quase ao ponto de morrer, bem como suas experiências recentes em Tessalônica e Bereia, o fizeram ser mais moderado e cauteloso ao pregar a verdade.

Silas e Timóteo finalmente chegaram em Corinto com um bom relatório para Paulo. Os irmãos naquela região, particularmente em Tessalônica, sofreram perseguição severa nas mãos de judeus e gentios. No entanto, eles estavam recebendo bem essas experiências e cresciam na graça e no conhecimento. Paulo escreveu mais tarde a respeito do alívio que sentiu com esse relatório. “E enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo, para vos confortar e vos exortar acerca da vossa fé; para que ninguém se comova por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados, pois, estando ainda convosco, vos predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis. Portanto, não podendo eu também esperar mais, mandei-o saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil. Vindo, porém, agora Timóteo de vós para nós, e trazendo-nos boas novas da vossa fé e amor, e de como sempre tendes boa lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como nós também a vós; por

esta razão, irmãos, ficamos consolados acerca de vós, em toda a nossa aflição e necessidade, pela vossa fé.” — 1 Tes. 3:2-7

Esse relatório foi tão encorajador para Paulo que o inspirou a falar mais ousadamente aos judeus na sinagoga de Corinto sobre Jesus. O relato afirma: “E, quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, foi Paulo impulsionado no espírito, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo.” (Atos 18:5) Essa mensagem mais direta teve um efeito imediato e esperado. Muitos judeus começaram a ridicularizar e a se opor a Paulo, falando coisas horríveis sobre ele. Paulo os denunciou veementemente e disse que não mais pregaria a eles, mas, que a partir de então, a mensagem dele seria para os gentios. — v. 6

No entanto, alguns já haviam aceitado a mensagem de Paulo sobre o Evangelho. Crispo, chefe da sinagoga e sua família estavam entre estes. Eles acreditavam que Jesus era Cristo, o Messias, e foram batizados. Paulo já não usava a sinagoga, mas aceitou a oferta de uma casa ao lado da sinagoga para realizar reuniões. Era o lar de um homem chamado Justo, um adorador sincero de Deus. Ali, Paulo continuou a pregar a todos os que ouvissem, e “muitos dos coríntios... creram” no Evangelho. — vs. 7, 8

PAULO É ENCORAJADO PELO SENHOR

Evidentemente, o constante abuso verbal e o risco de morte que Paulo, até aquele momento havia enfrentado em sua obra missionária estavam começando a afetar o apóstolo. Paulo precisava de encorajamento, e Deus manobrou providencialmente as circunstâncias

para que isso acontecesse. Nosso texto introdutório mostra que o Senhor falou com Paulo por meio de uma visão durante a noite. Ele o encorajou a não ter medo, e a continuar pregando a mensagem. O Senhor assegurou ainda a Paulo que estaria com ele, e que nenhum mal lhe seria causado. O Senhor sabia que Paulo estava preocupado com o fato de que falar com coragem poderia resultar numa situação potencialmente perigosa. No entanto, Paulo recebeu a garantia de que, em Corinto, Deus anularia providencialmente a oposição. Sua pregação teria o efeito desejado, a busca pelo povo de Deus naquela cidade seria muito frutífera, resultando em muitos serem chamados para o corpo de Cristo.

Observamos que Deus foi fiel à sua promessa. Ninguém feriu Paulo durante a permanência em Corinto, embora sua pregação tenha continuado a fazer inimigos, especialmente entre os judeus. Com a intervenção providencial do Senhor, Paulo recebeu proteção por meio dos magistrados e governantes civis de Corinto. Ao continuar sua pregação, certos judeus, incluindo Sóstenes, o governante da sinagoga, decidiram que deveriam agir contra Paulo. Levaram-no perante Gálio, um oficial romano, e disseram: “Este persuade os homens a servir a Deus contra a lei.” (Atos 18:12, 13) Paulo estava pronto para se defender, mas para sua surpresa não foi necessário. Gálio falou aos judeus: “Se houvesse, ó judeus, algum agravo ou crime enorme, com razão vos sofreria, mas, se a questão é de palavras, e de nomes, e da lei que entre vós há, vede-o vós mesmos; porque eu não quero ser juiz dessas coisas.” (vs. 14, 15) Gálio deve ter se informado previamente a respeito dos judeus e de suas leis. Eles não o enganariam por fazê-lo

acreditar que Paulo estava violando alguma lei civil. Assim, Gálio os mandou ir embora.

Geralmente, quando acusações desse tipo eram feitas contra Paulo, ele suportava o peso de uma surra ou de ser preso, por ser considerado uma causa de perturbação ou motim. No entanto, nessa ocasião, as coisas eram diferentes. Sóstenes, o governante da sinagoga, é que foi preso e espancado sumariamente, ao passo que ninguém tocou em Paulo. Deus de fato cumpriu sua promessa, e, nesse caso, permitiu que os acusadores e os agressores sofressem. — v. 17

Quando alguns adotam um proceder contrário à vontade de Deus, eles podem ser disciplinados por causa disso. Essas medidas são para ajudá-los a perceber o erro de suas escolhas. Sóstenes deve ter logo percebido que a proteção dada a Paulo pelos oficiais romanos foi dirigida por Deus. É bem possível que ele tenha conversado com Crispo, o ex-chefe da sinagoga que havia se convertido e sabia que Paulo tinha a garantia da proteção especial de Deus. Sóstenes, ponderando sobre essa experiência e, sem dúvida, recebendo a compaixão sincera de Paulo, pelo visto começou a participar das reuniões e logo se converteu. Vários anos depois, quando Paulo estava em Éfeso, ele mencionou Sóstenes ao escrever aos irmãos em Corinto. Em sua saudação introdutória lemos: “Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus), e o irmão Sóstenes.” (1 Cor. 1:1) Por volta dessa ocasião, esse querido irmão e amado membro da classe (congregação) em Corinto havia ido a Éfeso para ajudar Paulo na obra.

SATANÁS FRACASSA

Essa tentativa óbvia do adversário de interromper o trabalho de Paulo foi infrutífera. Além de ele ter sido protegido pela providência divina, a própria pessoa que o havia acusado se converteu e se tornou um ajudante na obra do Evangelho. Encorajado, Paulo continuou seus esforços de testemunho em Corinto, e nesse período ele também estabeleceu uma congregação em Cencreia, uma cidade portuária, ao leste. Não sabemos muito sobre os irmãos daquela cidade, exceto por uma irmã chamada Febe, que morava em Cencreia, mas depois viajou para Roma. Em sua epístola aos romanos, Paulo escreveu: “Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.” — Rom. 16:1, 2

Algum tempo antes de sua breve permanência em Cencreia, Paulo, pelo visto, tinha feito um voto de nazireu. No entanto, enquanto estava em Cencreia, o período de seu voto chegou ao fim e, de acordo com a lei dos nazireus, ele raspou a cabeça. (Atos 18:18; Núm. 6:18-21) Não sabemos de forma conclusiva o motivo do voto, nem o tempo em que Paulo permaneceu sob ele. Podemos especular que tenha sido porque ele estava ciente dos perigos envolvidos na sua próxima viagem difícil e perigosa para Jerusalém, que seria feita quase toda pelo mar e cobriria uma distância de quase 1.600 quilômetros.

UMA BREVE PARADA EM ÉFESO

Por fim, Paulo deixou os irmãos dessas novas congregações em Corinto e Cencreia, e partiu de navio para a Síria. Áquila e Priscila navegaram com Paulo até Éfeso, um porto de escala ao longo do caminho. Paulo aproveitou a parada do navio em Éfeso para ir à sinagoga e raciocinar com os judeus. Eles queriam que ele permanecesse por mais tempo, mas não podia fazê-lo naquele momento. Ele “despediu-se”, mas prometeu-lhes: “Querendo Deus, outra vez voltarei a vós. E partiu de Éfeso.” (Atos 18:19-21) Paulo voltou a Éfeso em sua terceira viagem missionária e passou a maior parte dos três anos ali. — Atos 19:1, 8, 10

Quando Paulo estava completando essa segunda jornada e se preparando para a terceira, outro servo do Senhor, chamado Apolo, passou por Éfeso. Ele era judeu de Alexandria, bem versado nas Escrituras e um orador talentoso. Ele acreditava que Jesus era o Messias, e pregava essa mensagem com coragem nas sinagogas dos judeus. Ele era fervoroso em espírito e compreendeu que muitas Escrituras haviam se cumprido em Jesus. No entanto, seu conhecimento era incompleto, pois ele só conhecia o batismo de João. Quando foi à sinagoga em Éfeso e falou sobre Jesus ser o Messias, ele conheceu Áquila e Priscila, que haviam ficado morando em Éfeso após a partida de Paulo, e continuaram a expor a verdade conforme a oportunidade. Eles fizeram amizade com Apolo, e, em conversa particular, explicaram com mais detalhes o plano de Deus, especialmente o batismo de Cristo. — Atos 18:24-26

Depois de chegar a uma compreensão mais completa da doutrina do batismo, Apolo falou com

Áquila e Priscila sobre seu desejo de ir a Corinto, na província de Acaia. Eles escreveram aos irmãos em Corinto exortando-os a recebê-lo, e assim fizeram. Apolo foi uma ajuda bem-vinda à congregação deles. Com seu talento para falar e entusiasmo pela verdade, ele ajudou a preencher o vazio deixado pela partida de Paulo. (vs. 27, 28) Mais uma vez, vemos como o Senhor, de modo amplo, forneceu diversos servos para que a busca por seu povo não fosse interrompida.

O TÉRMINO DA JORNADA DE PAULO

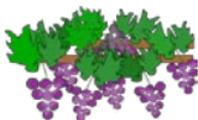
Enquanto isso, quando Paulo chegou a Cesareia, “subiu” a Jerusalém e “saudou a igreja” de lá. Então, saindo de Jerusalém, Paulo finalmente concluiu sua viagem, chegando em sua casa em Antioquia, na Síria. (Atos 18:22) Podemos ter certeza de que os irmãos ficaram felizes em vê-lo, pois fazia mais de três anos que ele havia saído de Antioquia com Silas, seu companheiro de viagem. Mais tarde, Timóteo juntou-se a eles em Derbe, Lucas, em Trôade, e Áquila e Priscila em Corinto. Agora, Paulo voltou sozinho. Timóteo e Silas ficaram em Corinto para ajudar os irmãos lá. Lucas estava em Filipos, e Áquila e Priscila permaneceram em Éfeso.

Não sabemos por quanto tempo Silas permaneceu em Corinto. Ele pode ter retornado a Jerusalém depois de um curto período de tempo, já que ele não foi mais mencionado como companheiro de viagem ou ajudante de Paulo. Silas, também chamado de Silvano, foi mais tarde mencionado pelo apóstolo Pedro e, aparentemente, tornou-se seu assistente até que Pedro terminou sua carreira terrestre. — 1 Ped. 5:12

Durante sua terceira jornada, Paulo escreveu aos irmãos em Corinto em duas ocasiões. Em sua segunda carta, escrita na Macedônia, recordou aos irmãos em Corinto sobre a pregação que ele, bem como Timóteo e Silas, fizeram naquela cidade. (2 Cor. 1:19) Esses três irmãos realizaram uma obra notável em Corinto. Deus os usou para buscar o povo para seu nome que Jeová sabia que estavam naquela cidade. Uma grande congregação de irmãos em Cristo foi firmemente estabelecida lá em resultado de seus esforços fiéis, corajosos e incansáveis na proclamação da mensagem do Evangelho.

DATA PARA A CELEBRAÇÃO DO MEMORIAL DE 2018

O Memorial (Ceia do Senhor) é celebrado anualmente. Este ano o celebraremos apropriadamente na quinta-feira, dia 29 de março de 2018, após o pôr do sol.



*"Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei?
Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei.
Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo,
a fim de dar testemunho da verdade.
Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz."
João 18:37*

